

Crítica // Culpa e desejo ★★★

BONFILM/DIVULGAÇÃO



Festival Varilux de Cinema Francês: Culpa e desejo, de Catherine Breillat, em cartaz

Prejuízo do prazer

Ricardo Daehn

Francesa de sangue quente e filmes de temáticas explosivas, Catherine Breillat, no roteiro do mais recente longa, *Culpa e desejo*, que chega dez anos depois de *Uma relação delicada* (no qual a personagem de Isabelle Huppert era emocionalmente abusada), explora meandros de legislação francesa que versa sobre o incesto. Breillat, vale a lembrança, foi roteirista de pesados filmes italianos como *Olhos na boca* (de Marco

Belloccio) e da visão sobre exploração de mulheres comandada por Liliana Cavani, em *A pele* (1981). *Culpa e desejo* é um dos 36 títulos selecionados para o final de semana, no Festival Varilux de Cinema Francês, com exibição em três complexos da cidade.

Em *Culpa e desejo*, a diretora tem a parceria de roteiristas como Maren Louise Käehne (que tratou do hedonismo de personagens dinamarqueses, em *Lang historie kort*) e Pascal Bonitzer (que retratou a fogosa freira Benedetta, num longa bem recente). Fazendo valer a peça publicitária que reforçava “sexo” ser algo “para sempre”, enquanto romance e amor eram postos

de lado, um impulso para o escandaloso filme *Romance*, de 1999, Breillat mistura, no novo longa, abusos, manipulação de sentimentos e consciência suja.

Há hesitante felicidade do seio familiar de Anne (Lea Drucker, curiosamente, brilhante no longa sobre má paternidade chamado *Custódia*) e Pierre (Olivier Rabourdin), casal que adota duas meninas. É com a chegada de Théo (Samuel Kircher), filho do sempre ausente Pierre, que tudo eclode. Rebelde, o rapaz conquista a confiança (e vice-versa) da advogada Anne.

O mote, tal qual *Sujo como um anjo* (filme de Breillat de 1991), será a traição.

Com muita sobriedade é maquinada a consequência da quebra de limites e da confiança entre todo o grupo. Há moderada intensidade na fragilidade de todos os envolvidos — e essa é a chave para o choque (nos espectadores). Sem caráter de denúncia, o filme aposta em responsabilidade e registra, sem visual pesado, a intimidade de duas pessoas que se descobrem. Pesam ainda, na tela, a astúcia dos envolvidos e algumas breves cenas que fazem ecoar os clássicos *La luna* (1979), de Bernardo Bertolucci, e a figura andrógena de Tazio, o imaturo garoto metido em *Morte em Veneza* (filme de Luchino Visconti).